

Entrevista a Rui Miguel, presidente do Departamento de Ciência e Tecnologia Têxteis "Devemos formar quadros para uma indústria com futuro"

Foi o sétimo aluno do primeiro curso de Engenharia Têxtil do Instituto Politécnico da Covilhã e o primeiro bacharel em Engenharia Têxtil a integrar os quadros de uma empresa da região. O presidente do Departamento de Ciência e Tecnologia Têxteis fala agora de todo o percurso na UBI, de uma das principais indústrias a nível nacional e dos projectos futuros que estão a ser desenvolvidos na instituição.

Catarina Rodrigues e Eduardo Alves

Urbi – Referiu durante as Jornadas Internacionais de Arte e Moda que "design é fazer arte com a tecnologia". Que relação é essa?

Rui Miguel – O design pretende conceber produtos estética e funcionalmente dirigidos a grupos de consumidores aproveitando as tecnologias e os materiais existentes ao menor custo. Procura-se uma optimização das novas tecnologias. Fazer produtos com uma mais-valia que surpreenda os consumidores, pela positiva, é a delícia de qualquer designer.

U – Alguns licenciados em Design Têxtil e do Vestuário, pela UBI, começam a ver o seu trabalho reconhecido no mercado. De que forma esse aspecto é benéfico para a instituição?

R.M. – Nestas duas primeiras levas de licenciados temos a satisfação de constatar que a maior parte dos antigos alunos estão a trabalhar no ramo e a fazer aquilo de que gostam. Um sentimento de tranquilidade interior que aumenta quando registamos casos como os de alunos que vencem primeiros prémios em concursos como o Mod'tissimo. Sabemos que o que estamos a fazer está bem feito, mas não queremos ficar por sermos bons, queremos ser muito bons, um objectivo que para ser alcançado precisa de trabalho contínuo. Já identificámos áreas em que queremos melhorar o curso de Design Têxtil e do Vestuário, aproveitando a reestruturação prevista no Processo de Bolonha.

U – Numa fase em que se fala muito de moda e de novas tendências, esquece-se, por vezes, a formação. No seu entender, quais são os requisitos mínimos para se ser um bom designer?

R.M. – Ter um espírito criativo que apele à experimentação e não ter medo de ensaiar coisas novas. Tudo isto se trabalha e se desenvolve. No caso de um estudante que esteja interessado em frequentar estes cursos e ainda mostre algumas dúvidas, sobre se as suas ideias são ou não boas, ou tem algum receio em não conseguir desenhar muito bem, isso não é impeditivo de frequentar estas licenciaturas. O apurar, o desenvolver da criatividade é algo que se pode vir a moldar ao longo do tempo. O espírito da procura da inovação será pois o parâmetro essencial, ainda que não o único, mas o principal para se ser um bom designer. Ter sentido estético, apetência e vontade para pesquisar e utilizar novas formas, novos materiais e novas aplicações, bem como ter espírito



"Está a surgir um projecto que engloba vários Departamentos da UBI"

metódico são também condições que devem estar na postura de qualquer profissional. Mediante tudo isto há que referir que o trabalho de um designer também tem de estar balizado. Não se pode dar largas à criatividade, sem limitações. Estas são claramente, limitações de mercado, da tecnologia e dos custos. Desde que a pessoa compreenda que para o seu trabalho tem de haver estas balizas e que pode, dentro destas linhas, ter um campo imenso para desenvolver as suas potencialidades com método, tem um óptimo perfil para estudar design.

U – A UBI, com o curso de Engenharia Têxtil, um dos seus mais antigos, tem registado um acentuado decréscimo de alunos. Como vê essa situação?

R.M. – Os cursos de Engenharia não cativam muitos alunos. O curso de Engenharia Têxtil sofre por isso e sofre também pelo facto desta profissão não reunir actualmente uma boa imagem junto da opinião pública. Estamos a trabalhar no sentido de enfrentar estes problemas e procurar dar-lhes soluções. Há que salientar que muita desta má imagem que passa para o público tem a ver com a Comunicação Social, porque há mais preocupação com situações de encerramento de empresas do que com os sucessos registados por outras do mesmo sector. Aquilo que passa para o cidadão comum é a desgraça e não o sucesso, e no têxtil há desgraças e sucessos como em todas as outras actividades.

U – Quais as medidas que o Departamento tem encetado para modificar este cenário?

R.M. – Devemos ter a responsabilidade de continuar a formar quadros para uma indústria com futuro. Quadros mais qualificados e exigentes. No âmbito do Processo de Bolonha, vamos querer ter um primeiro ciclo de formação de banda larga, na área das tecnologias têxteis. Esta formação será adaptada às reais e actuais necessidades das empresas. O segundo ciclo, ao nível das pós-graduações e dos cursos de

especialização, terá uma preocupação redobrada. E aqui vamos especializar quadros ao nível das necessidades emergentes das actuais indústria e distribuição têxteis. Para estas formações queremos continuar e ampliar as nossas ligações a outros departamentos. Outra das áreas em que temos vindo a apostar é a da parceria com escolas técnicas de formação profissional, nomeadamente com a Escola Tecnológica da Beira Interior (ESTEBI). Este tipo de parcerias permite-nos formar os quadros intermédios de nível IV para a indústria, recursos humanos de inegável valor para as empresas.

U – Tem apontado o caminho dos têxteis de alta tecnologia como o mais correcto a seguir. Pode desenvolver essa ideia?

R.M. – Portugal para ser competitivo tem de apostar em produtos com mais valia. O Departamento Têxtil, no âmbito da Unidade de I&D "Materiais Têxteis e Papeleiros", tem contribuído com vários projectos dos quais resultam teses de doutoramento e mestrado, publicações e comunicações em congressos internacionais, para além de parcerias com empresas e instituições. No campo da investigação a que chamamos de "wearable technologies" (têxteis inteligentes) está a surgir um projecto multidisciplinar bastante interessante, que está a ser supervisionado pelo professor João Queiroz, e que engloba vários Departamentos da UBI, nomeadamente, Têxtil, Ciências do Desporto, Electromecânica (com a área das telecomunicações), Física (com a área da electrónica), Matemática, Informática e a Faculdade de Ciências da Saúde. É um projecto que nos pode colocar junto dos grandes centros de investigação de ponta à escala mundial. Devido à sua complexidade disciplinar, científica e tecnológica, este projecto está ainda numa fase embrionária, mas está a reunir as condições necessárias à sua realização.

U – Os têxteis sempre foram um dos principais motores econó-

micos da região. Como vê o estado actual do sector?

R.M. – Uma empresa só sobrevive se conseguir adaptar-se às condições de mercado. Perante uma situação em que um determinado produto não se consegue vender acima do seu custo de produção, há que ter a noção de introduzir uma mais-valia nesse mesmo produto para que possa ser comercializado com lucro para o produtor. As empresas que não forem capazes de evoluir ou adaptar a sua tecnologia e organização de forma a reduzir os custos de produção, a prazo, acabam por encerrar. A indústria têxtil em Portugal é para continuar. Neste momento tem ainda um peso enorme na nossa economia. É impensável conceber o País sem a indústria têxtil. E a indústria sem quadros não funciona. A tendência é para se continuar a verificar uma redução no número de empresas, aquelas que não se conseguem adaptar às novas realidades económicas. Mas outras existem, que estão bem e que têm futuro. Eventualmente poderão aparecer outras criadas por empresários com visão que descobrem nichos de mercado e que investem.

U – Quais são os principais desafios perante a ameaça da China, que pretende apostar no sector têxtil?

R.M. – Há indícios de que a China pretende entrar nos nichos de mercado de têxteis de qualidade. Mas, neste momento, os empresários do Oriente estão mais interessados nas grandes produções massificadas. Fica, assim, um grande espaço para os produtos que se destinam a mercados que valorizam a qualidade, a inovação, o design, a personalização e a diversidade/renovação. As empresas portuguesas podem e devem ocupar este espaço. Competir em preço com a China não faz sentido e, por outro lado, temos de reconhecer a globalização como um dado adquirido, pelo que temos de apostar em novos mercados e em novos produtos que não são fabricados por eles.

U – A criação de estruturas como o Parkurbis ajuda na concretização de projectos inovadores?

R.M. – A sua existência vai ser fundamental no sentido de criar uma cultura de aposta nas novas tecnologias, porque precisamos de fortalecer a nossa classe empresarial. Temos muito bons empresários, mas precisamos de os multiplicar. Uma das funções do Parkurbis deve passar por criar uma pedagogia entre os novos empresários, com vista a estes apostarem nas tecnologias inovadoras.



Rui Alberto Lopes Miguel nasceu na Covilhã em 1956. Passados alguns anos vem a ser o sétimo aluno do Instituto Politécnico da Covilhã (IPC). "Lembro-me que no primeiro dia de aulas, 17 de Fevereiro de 1975, ainda estavam a colar a cortice nos tectos. Vimos nascer a UBI. Uma época fantástica que me marcou para sempre", recorda o agora professor associado e presidente do Departamento de Ciência e Tecnologia Têxteis da UBI. "O nosso curso era de quatro anos e quando terminei o bacharelato fiz estágio na empresa A Penteadora, S.A. na Primavera de 1979. Acho que fui o primeiro engenheiro têxtil formado na Covilhã, a entrar na indústria da região, na empresa Paulo de Oliveira, Lda.", refere. Licenciou-se em 1985 já na Universidade da Beira Interior. Altura em que ingressa também no "Acondicionamento e Laboratório Têxtil da Covilhã", como técnico superior, desenvolvendo actividades na área da qualidade. Em 1987 entra na UBI como docente em disciplinas na área da tecnologia dos tecidos e da confecção de vestuário. Entre 1991 e 1994 foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e preparou no Conselho Superior de Investigações Científicas de Barcelona a sua tese de doutoramento, que viria a apresentar em 2000 na UBI. Um estudo "na área da física têxtil aplicada aos tecidos com o título de Modelização da Influência das Características Estruturais nas Propriedades Condicionantes do Comportamento ao Uso dos Tecidos de Lã e Mistos". É professor do mestrado em Gestão da Produção Têxtil na instituição e também leccionou na licenciatura em Design de Moda da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. É Vice-Presidente da Secção Científica da Unidade de Ciências de Engenharia e Director do Curso de Design Têxtil e do Vestuário da UBI. Rui Miguel é também investigador da Unidade de I&D "Materiais Têxteis e Papeleiros" da UBI, autor de seis livros e co-autor de dois nas suas áreas de interesse. É autor e co-autor de mais de 70 publicações em revistas científicas, comunicações em congressos internacionais e palestras em seminários nas áreas da física, do design e da estratégia têxteis. Os tempos livres são maioritariamente passados com a família, "com a minha mulher e as minhas duas filhas". Pratica também futebol, com um grupo de amigos. "A posição que mais gosto de exercer em campo é a de construir e distribuir jogo, tal como noutros aspectos da vida", sublinha.